

A SUBJETIVIDADE DO TERMO “REDES” NA VISÃO DOS USUÁRIOS DIGITAIS: UM ESTUDO DE CASO EM REDES SOCIAIS

Kelly Hannel

khannel@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5743932175793261>

Felipe Becker Nunes

nunesfb@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2277559773788201>

Fabiane Flores Penteado Galafassi

fabiane.penteado@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5263172314646839>

Leandro Rosniak Tibola

tibola@uri.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/5882422371152996>

Maria Cristina Villanova Biasuz

cbiazus@ufrgs.br

<http://lattes.cnpq.br/0968244004421569>

RESUMO

A subjetividade criada pelo sujeito acerca de determinados conceitos está ligada ao meio no qual este está inserido. O artigo apresenta uma pesquisa sobre a percepção dos sujeitos com relação à subjetividade do termo “Redes”. Essa pesquisa foi realizada a partir das interpretações que cada sujeito possui ao identificar uma imagem que represente sua subjetividade. Esse estudo de caso foi desenvolvido em uma rede social, com duração de 10 dias e contou com a participação de 52 voluntários. Como resultados, foi possível confirmar que o meio ao qual estamos inseridos, tem forte influência na construção e produção da subjetividade de determinados termos, em particular aqueles inseridos em nosso cotidiano.

Palavras-chave: redes; subjetividade; tecnologia;

INTRODUÇÃO

O novo meio tecnológico molda todos os processos da existência individual e coletiva, pois a busca pela informação é parte integral que fundamenta toda a atividade humana na aquisição do conhecimento (CASTELLS, 1999). Ciência, tecnologia, filosofia e o agir social, influenciam a construção do pensamento e a rede intermedia nossas formas

de conhecimento. Essa interconexão configura o que produzimos e que compartilhamos ao mundo (LATOURE, 2005).

A Internet e as redes sociais são movimentos indissociáveis. Pessoas são capazes de se apropriar deste contexto, utilizando ferramentas, formulando conceitos por assim dizer, em um espaço no qual encontramos os mais diversos tipos de conhecimentos, crenças, desejos e atitudes, as quais se associam livremente sem lugares definidos. Desta forma, a subjetividade acaba sendo muitas vezes produzido pelas redes e campos de força sociais, o que nos remete a ideia de que o sujeito existe pelas transformações que ocorrem devido à influência da sociedade em que se encontra (PARENTE, 2013).

Este artigo apresenta uma pesquisa sobre a percepção dos sujeitos digitais com relação à subjetividade do termo “Redes”, cujo objetivo foi comprovar que o meio em que cada indivíduo está inserido pode afetar sua percepção e sentido acerca dos conceitos interpretados e aprendidos. Essa pesquisa foi efetuada a partir das interpretações que cada sujeito possui ao identificar uma imagem que represente sua subjetividade. O estudo de caso se deu por meio de uma rede social, com duração de 10 dias, e contou com a participação de 52 voluntários.

O artigo está organizado da seguinte forma: o tópico 2 apresenta a fundamentação teórica que embasou este trabalho; o tópico 3 descreve a metodologia de desenvolvimento do estudo de caso; no tópico 4 são apresentadas as análises e subjetivações realizadas a partir do feedback dos voluntários; e por fim, no tópico 5 estão as considerações finais deste trabalho.

REDES

Vivemos em uma sociedade em rede, na qual a relação entre a tecnologia e sociedade encontra-se baseada na informação, ou seja, no alcance global e nas conexões existentes. No entanto, o significado das redes, às quais de alguma forma estamos conectados, varia de pessoa para pessoa e pode ser muito mais amplo e abrangente do que comumente se imagina. O que nos leva a entender o significado da própria palavra “rede” (CASTELLS, 1999).

Rede é um conceito, não uma coisa. É uma ferramenta para ajudar a descrever um fenômeno que está sendo descrito (LATOURET, 2005, p. 131). A rede indica um futuro libertador, ela é uma promessa de uma circulação generalizada e libertadora de fluxos de informação e das ondas econômicas. Suas duas imagens originais são redescobertas: a que agita seus bajuladores, da livre circulação generalizada das informações, significando democracia e transparência da “sociedade de informação”, e a evocada por seus detratores, de controle e da vigilância generalizada (MARGARITES E SPEROTTO, 2011).

Para Passarelli et al. (2009), a afirmação de que as pessoas agem em rede, em um movimento que atinge a proporção de uma multidão atuante, realizando intervenções cujos reflexos são sentidos não só no ciberespaço, mas também na junção do espaço socioeconômico que transpõe os limites territoriais de uma nação, é um fato. Os espaços, bem como as instituições econômicas e sociais, perdem seu status sólido para ganhar contornos fluidos e adaptáveis a uma lógica de rede, sem centro e nem periferia.

Atualmente constatamos a intensificação do caráter tecnológico das redes, confirmada por Margarites e Sperotto (2011), que aponta que a utilização das redes de comunicação passa a ser “um objetivo de utilidade pública e uma garantia de felicidade material” e a Internet surge como uma utopia da associação universal pelas redes de comunicação, promovendo a ideia de um sistema não hierárquico, universal. Em nossas listas de reprodução do Youtube, encontram-se lado a lado obras clássicas, palestras acadêmicas e vídeos que gravamos e postamos com imagens de nossas famílias e nossos amigos.

SUBJETIVIDADE

A subjetividade é um sistema organizador do mundo interno e do mundo externo do sujeito, construído nas relações interpessoais e por sua influência. Ela se manifesta na singularidade e na peculiaridade de cada um, podendo ser conhecida ou desconhecida. Esta subjetividade permite ou obstrui o desenvolvimento e o crescimento pessoal, impede ou resgata lembranças do passado que se mostram e interferem no presente (ALMEIDA E PETRAGLIA, 2006).

Deleuze (1991) pondera que a subjetividade está alicerçada na complexa tipologia da dobra que nos possibilita traçar/seguir labirintos, passar por múltiplas

camadas, aglutinar coisas diferentes, estabelecer uma continuação por meio das transições insensíveis, entre uma transversalidade entre planos. A subjetividade é o espaço/moradia onde se organizam as nossas experiências existenciais, [...] território no qual nos situamos, para podermos estabelecer relações com os outros, e para atribuir significado às experiências vividas. Subjetividade é uma espécie de envergadura interior, de vazio, capaz de acolher, dar abrigo e morada às experiências de vida: percepções, pensamento, fantasias, sentimentos. Ou, se quisermos usar um só termo: afetos, diferentes expressões de como somos afetados pelo mundo. Para Linkeis (2005), subjetividade pode ser definida “como experiência de si e como condensação de uma série de determinações” (LINKEIS, 2005).

Assim, nossa subjetividade é algo construído, construído por cada um de nós e ao mesmo tempo por influências poderosas do meio em que vivemos: ou dito de outro modo, nas inter-relações nas quais estamos enredados desde que nascemos. Enredados, isto é, postos numa rede complexa de relações. É nesta rede que construímos a morada/abrigo ou o espaço/moradia de nós mesmos com tudo o que nos afeta e de onde também afetamos o que e a quem nos cerca. Afetamos incluindo e excluindo o que de fora nos vem e pelo que nos deixamos afetar ao mesmo tempo (LORIERI, 2008).

ESTUDO DE CASO

Essa pesquisa teve como metodologia norteadora a pesquisa ação e teve como propósito o de discutir as subjetividades relacionadas ao termo “Redes”, ou seja, a representação que o mesmo possui para os diferentes indivíduos sociais, buscando analisar as diversas interpretações geradas por este termo. Para tanto, um conjunto de etapas previamente projetadas foram elaboradas, como segue.

Em um primeiro momento, um levantamento do aporte teórico acerca dos tópicos em questão foi realizado, de forma a posicionar o leitor acerca de conceitos referentes ao termo redes e subjetivação. Num segundo momento foi realizada a etapa prática do estudo por meio de um formulário eletrônico, aplicado na rede social Facebook. Este formulário contou com duas etapas distintas:

A primeira etapa continha três questões a serem respondidas: a faixa etária dos participantes; sua ocupação profissional; e, a solicitação do envio (upload) de uma

imagem sobre o que o participante da pesquisa entendia como conceito/representação do termo “redes”.

A segunda etapa caracterizou-se pela: apresentação do conceito formal do termo “redes”, onde este é definido por Castells (1999) e Ferreira (2010), como:

“Entendemos que Redes são estruturas, e, que estas estruturas geram efeitos e comportamentos. Seus efeitos e comportamentos geram padrões, que por consequência se refletem nas práticas sociais. Dentro do contexto de sociedade em Rede, é possível afirmar que as práticas sociais influenciam as conexões em Redes e são influenciadas por elas”.

Nesse sentido, foi solicitado ao participante da pesquisa que fizesse a leitura deste conceito e logo após, uma breve reflexão entre o seu conceito pessoal, confrontando-o com o apresentado na etapa 2. Esse conceito foi questionado ao leitor e perguntando se após a leitura do conceito formal, o mesmo havia modificado sua opinião. Caso tenha modificado, o voluntário pode selecionar uma nova imagem para representar seu novo conceito e adicionar a nova imagem. Caso o conceito do termo redes permaneça o mesmo, a opção “NÃO” é escolhida e a imagem anteriormente inserida é mantida.

Para este estudo de caso, uma amostra com um total de 72 respostas foi coletada. Destas 72, apenas 46 delas puderam ser consideradas válidas, visto que algumas imagens recebidas não possuíam relação com o termo redes ou o sistema não conseguiu identificá-las. Também não houve nenhum tipo de critério prévio, por exemplo, ter domínio sobre algum conceito para responder as questões do formulário. O mesmo também foi respondido de forma assíncrona. O link com o endereço eletrônico do formulário foi postado pelos componentes do grupo na rede social Facebook e solicitado aos amigos que auxiliassem nesta etapa da pesquisa.

Com base nas respostas obtidas na aplicação do formulário, iniciou-se a análise que contou com a coleta e tabulação para a interpretação dos dados. A próxima seção apresenta o estudo de caso desenvolvido de forma detalhada e esclarece todas as questões dissertadas anteriormente.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Nesta análise foi possível verificar as ideias que os participantes têm acerca do conceito do termo redes e o processo de subjetivação envolvido.

Na primeira etapa do formulário encontra-se a apresentação da pesquisa bem como três questões: a faixa etária dos participantes, sua ocupação profissional e a solicitação de envio (upload) de uma imagem sobre o que os participantes da pesquisa tinham como conceito/representação do termo “redes”. Após o voluntário responder às 2 primeiras questões e ter enviado a imagem o qual julga representar o termo redes, o mesmo passa para a segunda etapa. Nesta segunda etapa é apresentada a definição formal do termo redes.

Após o participante ter realizado a leitura deste conceito, foi disponibilizada uma opção lhe questionando se depois de ter obtido uma nova visão teórica acerca da definição do termo “redes”, o mesmo gostaria de efetuar a troca da imagem com base nestes novos conceitos que lhe foram apresentados. Se o participante respondesse SIM, ele era convidado a enviar uma nova imagem. Caso respondesse NÃO ele poderia finalizar a pesquisa. Com a realização da segunda etapa, o participante finaliza a sua participação na pesquisa, sendo apresentado o agradecimento pela participação dos voluntários.

Finalizada a etapa de coleta dos dados, este estudo de caso contou com a participação de 72 voluntários que responderam o formulário, entretanto, somente 46 puderam ser tabulados. Com relação à faixa etária dos participantes foi definida nos seguintes intervalos: menor de 17 anos; 18 a 25 anos; 26 a 35 anos; 35 a 50 anos; e maior de 51 anos.

Quanto a esta questão, percebe-se que as faixas mais significativas foram as de 18 a 24 anos, com 40% dos voluntários, seguida pela faixa de 25 a 35 anos, com 35% dos voluntários e a faixa de 36 a 50 anos com 21% dos voluntários. As faixas com menos de 17 anos e com mais de 51 anos apresentaram 2% ambas dos voluntários respectivamente. A Figura 3 apresenta a distribuição dos voluntários por idade.

Em relação a sua ocupação profissional, as ocupações foram definidas com as seguintes opções: desempregado; empregado da iniciativa privada; estudante/professor; funcionário público; do lar; e outra. Essa dependência tem feito com que o meio

predominante em sua subjetivação esteja relacionado aos termos apresentados nesta pesquisa.

Quanto a esta questão, os voluntários que tiveram a distribuição mais significativa foram estudante/professor com 48% dos voluntários, seguido de funcionário público com 19% dos voluntários e empregado da iniciativa privada com 15% dos voluntários. As demais ocupações apresentam percentuais individuais menores, tais como a opção outra com 10%, desempregado com 4%, profissional liberal com 2% e do lar com 2%. Esta distribuição pode ser vista na Figura 4.

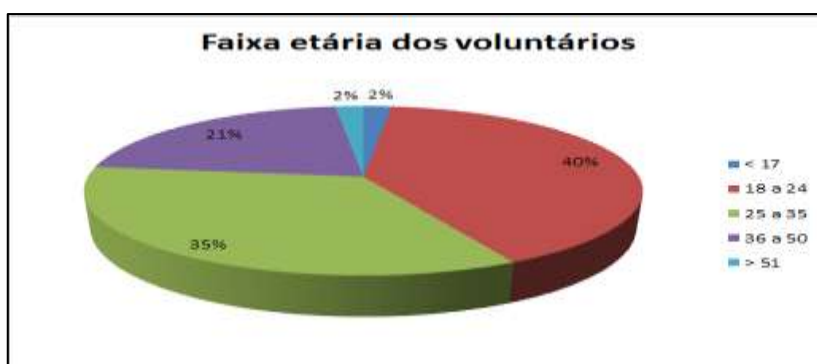


Figura 1. Percentual da faixa etária dos voluntários.



Figura 2. Percentual de ocupação

Na segunda etapa do formulário, dos 52 voluntários que enviaram imagens representando o termo "redes", 10 deles mudaram sua opinião ao ler o conceito formal do termo redes. No entanto apenas 6 puderam ser validadas, visto que algumas delas o sistema não conseguiu identificar.

Com relação à análise das imagens obtidas optou-se por categorizá-las com relação as suas áreas de conhecimentos. Destas, revelou-se que 60% dos voluntários

enviaram imagens relacionadas ao contexto das redes de computadores e 20% das imagens enviadas pelos voluntários sugeriam a categoria redes sociais. Nesse sentido, 80% dos voluntários comprovaram a afirmação de Parente (2013), de que o meio em que se vive é responsável pelas subjetivações que são feitas pelo sujeito.

Conforme visto nas Figuras 5 e 6, pode-se inferir que a predominância existente em torno dos termos “Redes de Computadores” e “Redes Sociais”, se deve à faixa etária predominante que respondeu aos questionamentos, que foi entre 18 e 24 anos, seguido de pessoas entre 25 e 35. Ou seja, jovens que, provavelmente, utilizam com frequência computadores, tablets, smartphones, redes sociais e que por isso estão familiarizados com o termo.



Figura 3. Imagens da categoria redes de computadores.



Figura 4. Imagens da categoria redes sociais.

Para reforçar a afirmação de que o uso da tecnologia está presente diariamente entre estes indivíduos, como no caso das Redes Sociais, uma das mais utilizadas atualmente no Brasil é o Facebook. De acordo com dados da Socialbakers, o Brasil chegou ao primeiro semestre de 2013 à marca de 71 milhões de usuários ativos no Facebook, sendo que o maior grupo de brasileiros na rede tem entre 18 e 24 anos representando 20,8 milhões de usuários.

Esta faixa etária se iguala à apresentada nos resultados obtidos nesta pesquisa, o que justifica este predomínio existente em torno dos termos “Redes de Computadores” e “Redes Sociais”. Agregado a isso, o alto percentual obtido envolvendo o termo “Redes de Computadores” pode ser relacionado também ao tipo de ocupação predominante

verificada nesta pesquisa. Conforme apresentado na Figura 5, os voluntários eram em sua grande maioria professores ou estudantes. Em virtude de que os meios de divulgação da pesquisa foram o Facebook, pode-se afirmar que os voluntários são utilizadores de redes sociais e de algum tipo de tecnologia para este acesso.

Os 20% restantes tiveram 10% deles categorizados com redes de descanso ou redes formadas por teias. Os outros 10% restantes das imagens não foram categorizadas por não se aplicarem ao tema principal proposto “redes”.

Devido ao caráter voluntário, não foram armazenadas informações que possam identificar os sujeitos da pesquisa. Esta condição preserva a identidade dos mesmos e dá crédito a confidencialidade do instrumento. A quantidade reduzida de questões se mostrou positiva por permitir o rápido preenchimento do questionário, evitando uma quantidade de respostas que o tornariam tedioso, por outro lado, impediu a realização de outras análises, tais como localização, conhecimento de informática, tempo de uso do computador, conhecimento de arte, música, fotografia, etc. Apesar desta limitação, acredita-se que o objetivo proposto foi alcançado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evolução tecnológica ocorrida de forma intensa nas últimas décadas tem cada vez mais modificada paradigmas tradicionais e a rotina na vida dos cidadãos, visto que, a grande maioria das pessoas sente-se imersas e dependentes da utilização de algum tipo de tecnologia no seu dia-a-dia, como Facebook, Instagram ou Twitter.

O estudo de caso apresentado neste artigo confirmou o objetivo da pesquisa que visava provar que o meio em que cada indivíduo está inserido pode afetar sua percepção dos conceitos. Foi comprovado por meio dos resultados elencados, que a percepção do indivíduo sobre o conceito do termo “redes” e o processo de subjetividade que o mesmo produz, afirmando que os indivíduos que estão diariamente cercados de tecnologia, seja no uso do celular, notebook ou algum outro tipo de dispositivo, fazem com que o seu meio seja responsável por formular suas subjetivações e percepções acerca de determinados conceitos.

Considerando os resultados obtidos, foi possível também perceber uma correlação desta pesquisa com o estudo efetuado por Vergnaud (1993), em sua Teoria

dos Campos Conceituais, na qual ele afirma que os conceitos interpretados pelo sujeito em ação são formados por conjuntos de situações que dão sentido a este. O que auxilia a reforçar a afirmação empregada neste artigo de que o meio no qual o sujeito está inserido é responsável por formular suas subjetivações e percepções acerca de determinados conceitos, como pode ser visto no estudo de caso aplicado sobre o termo “Redes”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, C., PETRAGLIA, I. **Estudos de Complexidade**. São Paulo: Xamã, 2006.
- BLAZUS et al. Intencionalidade e subjetividade no uso de imagens na informática educativa: relatos de um experimento. **Nuevas Ideas en Informática Educativa, Memorias del XVII Congreso Internacional de Informática Educativa**. Santiago, Chile, 2012.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede. Editora Paz e Terra, 6ª ed., vol. 1, São Paulo, 1999.
- DELEUZE, G. **A dobra: Leibniz e o barroco**. Campinas: Papyrus, 1991.
- FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- LATOUR, B. **Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory**. New York: Oxford University Press, 2005.
- LINKEIS, R. C. M. B. Subjetividade, Educação e Modernidade: uma contextualização histórica. **Revista Educação e Subjetividade: subjetividade e modernidade**, Ano I, n. 1. São Paulo, 2005.
- LORIERI, M. A. **Educação e Subjetividade na Cultura Globalizada - ideias a partir da Teoria da Complexidade de Edgar Morin**. Notandum Libro 11, 2008.
- MARGARITES, A. P. F., SPEROTTO, R. I. Subjetividade e Redes Sociais na Internet - Problematizando as novas relações entre estudantes e professores na contemporaneidade. **RENTE - Revista Novas Tecnologias na Educação**. V. 9 Nº 1, julho, 2011.
- PARENTE, A. Rede e subjetividade na filosofia francesa contemporânea. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde (Reciis)**. Ict/Fiocruz, RJ, 2007.
- PARENTE, A. **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, p. 303, 2015.
- PASSARELLI, B., GUZZI, D., DIMANTAS, H., KIYOMOURA, J. Atores em Rede: Subjetividades e Desejos em Expansão. **Tecnologias de Comunicação e Subjetividade**, Ano 16, 2009.
- SANTO, C. S. E. Entre imagens e textos: O processo de subjetivação dos jovens nas redes sociais. **5º Congresso de Estudantes de Pós-graduação em Comunicação**. UFF, RJ, 2012.
- VERGNAUD, G. Teoria dos campos conceituais. **Anais do 1º Seminário Internacional de Educação Matemática do Rio de Janeiro**. p. 1-26, 1993.

SOBRE OS AUTORES:

Kelly Hannel

Possui mestrado em Ciência da Computação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008) e graduação em Bacharelado em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Pelotas (2005). Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul desde março de 2014. Tem experiência na área de Ciência da Computação, com ênfase em Sistemas de Informação. Como docente atuou na instituição Estácio FARGS onde ministrou aulas nos cursos de Administração e Tecnólogo em Sistemas para Internet. Atualmente é 1º Tenente do Exército Brasileiro e atua no Colégio Militar de Porto Alegre.

Felipe Becker Nunes

Bolsista CNPq de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Ciência da Computação pelo Programa de Pós-Graduação em Informática da Universidade Federal de Santa Maria (2014). Bacharel em Sistemas de Informação pela Universidade Luterana do Brasil (2012). Integrante como pesquisador do Grupo de Redes de Computadores e Computação Aplicada (GRECA) e do Grupo de Sistema de Gerência de Hipertextos Ubíquo e Didáticos (SGHUD).

Fabiane Flores Penteadó Galafassi

Professora na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Graduada em Licenciatura em Computação pelo Centro Universitário Feevale (2004), Especialista em Desenvolvimento de Software Educativo também pelo Centro Universitário Feevale (2008), Tutoria em EAD pela UFRGS (2010), Mestrado em Computação Aplicada pela Unisinos (2012) e atualmente doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação pela UFRGS

Leandro Rosniak Tibola

Possui graduação em Administração de Empresas e Ciência da Computação pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões e mestrado em Ciências da Computação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professor titular do curso de Ciência da Computação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Atualmente é aluno de doutorado no Programa de Pós Graduação em Informática na Educação (PGIE) do Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias na Educação (CINTED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Maria Cristina Villanova Biasuz

Professora da Associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vinculada ao Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais, atuando como docente nesta unidade e no Programa de Pós Graduação em Informática na Educação - doutorado nível 6 / PGIE / CINTED / UFRGS. Desenvolve pesquisa na área das Tecnologias Digitais, coordena o N.E.S.T.A - Núcleo de Estudos em Subjetivação, Tecnologia e Arte, dentro da LP - Linha de Pesquisa: Interfaces Digitais em Educação, Arte, Linguagem e Cognição. Trabalha com as disciplinas: Laboratório de Informática no Ensino das Artes Visuais; Estética das Redes e do Ciberespaço, Laboratório de Arte e Telemática.